

A Revista HISTEDBR On-line publica artigos resultantes de estudos e pesquisas científicas que abordam a educação como fenômeno social em sua vinculação com a reflexão histórica

Correspondência ao Autor

Nome: Hamilcar Silveira Dantas Junior
E-mail: hamilcarjr@hotmail.com
Instituição: Universidade Federal de Sergipe, Brasil

Submetido: 06/10/2019

Aprovado: 23/11/2019

Publicado: 03/05/2021

 10.20396/rho.v21i00.8656976

e-Location: e021009

ISSN: 1676-2584

Como citar ABNT (NBR 6023):

DANTAS JUNIOR, H. S. Paulo Freire, mais do que nunca, incontornável e imprescindível.

Revista HISTEDBR On-line, Campinas, SP, v. 21, p. 1-6, abr. 2021. DOI:

10.20396/rho.v21i00.8656976.

Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8656976>. Acesso em: 3 maio 2021.

KOHAN W. **Paulo Freire, mais do que nunca**: uma biografia filosófica. Belo Horizonte: Vestígio, 2019.

PAULO FREIRE, MAIS DO QUE NUNCA, INCONTORNÁVEL E IMPRESCINDÍVEL



Hamilcar Silveira Dantas Junior*

Universidade Federal de Sergipe

Distribuído Sobre



Checagem Antiplágio



O que justificaria a escrita de uma biografia sobre Paulo Freire 22 anos após seu falecimento e 51 anos depois da publicação de seu mais importante livro, “Pedagogia do Oprimido”? Já temos estudos biográficos do eminente educador pernambucano, a exemplo dos trabalhos de Moacir Gadotti (1996), Maria José Vale (2005), Carlos Rodrigues Brandão (2005), Tom Wilson, Peter Park e Anaida Cólón-Muñiz (2010), além da profunda elegia histórica escrita por sua companheira de últimos anos, Ana Maria de Araújo Freire (2005). O que traz como novidade o estudo de Walter Kohan (2019) “Paulo Freire, mais do que nunca: uma biografia filosófica”?

Poderíamos inferir que é sempre necessário incensar um autor brasileiro que é o mais utilizado em pesquisas da área de ciências humanas no Brasil. Sua principal obra é uma das mais citadas nos estudos científicos em todo o mundo, sendo traduzida em mais de 40 idiomas. O autor possui dezenas de títulos de Doutor *Honoris Causa* em diversas universidades prestigiadas do planeta. Além disso, desde 13 de abril de 2012, Paulo Freire foi declarado Patrono da Educação Brasileira. (BRASIL, 2012). Poderíamos dizer que tal empreitada é necessária no momento atual brasileiro em que imperam os discursos obscurantistas contra a educação e a ciência e no qual movimentos fascistoides defendem censura às artes e à educação, tendo Paulo Freire como principal alvo, verificando-se pedidos, inclusive através do atual Ministério da Educação, para revogar o título de Patrono da Educação Brasileira cedido ao educador pernambucano.

Não obstante, ainda que destaque os méritos acadêmicos de Paulo Freire e faça as devidas críticas a esse movimento reacionário, a biografia escrita por Kohan (2019) não segue esse padrão simples. Sua proposta não é uma narrativa biográfica em sentido estrito, isto é, não visa simplesmente à trajetória de ações do biografado. Ao nomeá-la de “biografia filosófica”, o autor parte em busca das ações, pensamentos, inspirações, proposições tecidas por Paulo Freire para pensar a educação, suas próprias teorias e práticas, sobretudo para refletir acerca dos desafios educacionais brasileiros na atualidade. Posto isso, a biografia faz jus ao biografado por seguir a trajetória da dialogicidade, da construção de ideias e práticas em conexão, bem como da conjunção a outros sujeitos, projetos políticos, correntes filosóficas.

A obra se pauta em cinco princípios concebidos como “natalidades”, das formas de nascer, pensar e viver filosoficamente o mundo, projetando uma política do educar. Os princípios são: vida, igualdade, amor, errância e infância.

Kohan (2019) certifica que o princípio “vida” em Paulo Freire se consubstancia na educação política como educação filosófica, entendendo filosofia como práxis, como ação refletida sobre o mundo no convívio com os homens. Exercitar filosoficamente a educação é refletir sobre si mesmo como educador, sua prática pedagógica, seu compromisso com a emancipação, que, por sua vez, implica a construção de um espaço educativo singular e inquieto, ou seja, um espaço do perguntar.

Essa inquietude da vida educativa mostra um Freire com múltiplas referências teóricas: fenomenologia, marxismo, existencialismo, teologia da libertação. Essa miscelânea teórica não o distancia da defesa dialética da filosofia como instrumento de transformação do mundo. Sua filosofia da educação advoga uma vida que sintetize sujeito-objeto, teoria-prática, reflexão-ação. Kohan (2019) defende, então, que, inspirado pelo ateniense Sócrates, Paulo Freire faz de sua vida filosófica uma vida educadora pela ética e pelo exemplo. Para além da visão estreita dos críticos que atestam “doutrinação partidária” nas ideias de Freire,

[...] a vida educadora da filosofia significa não que ela exija um partido [...], sequer uma forma específica de exercício do poder ou um programa político de vida em comum. Que essa vida ética e heroica é também política significa a impossibilidade de pensar a vida, a educação e a filosofia sem esses outros que compartilham o espaço público dessa vida, a vida pública. (KOHAN, 2019, p. 72-73).

A igualdade, como segundo princípio, é uma base política solidificada nas teses de que podemos ser iguais e diferentes, jamais iguais e desiguais que gerem superiores e inferiores ou, nas palavras de Paulo Freire, opressores e oprimidos. Kohan (2019) estabelece um paralelo entre Freire e o pedagogo francês do século XIX, Jacques Jacotot. Segundo as bases do Ensino Universal de Jacotot, todas as inteligências são iguais e que, diante de métodos pautados na liberdade para ensinar e aprender, devemos buscar alcançar todas as potencialidades emancipatórias intelectuais dos sujeitos cognoscentes.

Paulo Freire estaria, então, sustentando toda sua filosofia da educação no primado de compromisso político com a emancipação e libertação do povo oprimido, notadamente nos países subdesenvolvidos da América Latina e África. Nesse sentido,

Afirmar uma concepção igualitária da capacidade de pensar de educadoras, educadores, educandas e educandos passa a ser uma condição política necessária para que os participantes dessa prática educativa possam, coerentemente, desdobrar a igual potência problematizadora de que são capazes de colocar em questão sua vida, o mundo em que vivem. (KOHAN, 2019, p. 102).

No terceiro princípio aflora todo o discurso comprometido e apaixonado pelo saber e pelo sujeito que “quer saber” de Paulo Freire. O amor, na obra do pensador pernambucano, ancora-se no ato pedagógico em si, uma espécie de conexão permanente entre os educandos (professores e alunos) e o mundo. É um princípio que faz da política amor e do amor, política. A dedicação de Paulo Freire é criar, efetivar no mundo uma igualdade só possível para aqueles que amam em pé de igualdade. Para Kohan (2019, p. 128), esse princípio se assemelha a um credo pedagógico:

[...] a crença na possibilidade de, através da educação, criar um mundo em que seja menos difícil amar. E eis também sua força política inegociável, irrenunciável: o capitalismo é inaceitável por muitas razões; a principal delas é, talvez, a forma como torna impossível amar de verdade.

O quarto princípio, a errância, imbrica dois sentidos vivos da prática pedagógica de Paulo Freire. Primeiro, porque o educador é um errante, andarilho sem parada, vagando por horizontes educacionais que demandem a sua presença, corporalmente marcado pela experiência do exílio após o golpe civil-militar de 1964. Além de um viajante intelectual sem amarras teóricas, mas conexões vívidas entre pensamentos divergentes que Paulo Freire fazia convergirem à necessidade educativa de emancipação humana.

Segundo, Paulo Freire é um mestre “errante” porque se equivoca e, continuamente, reflete acerca de suas práticas, acertos e erros. Tal trajetória se consubstancia em “Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido”, publicada em 1992, na qual Paulo Freire ao escrever, com a distância temporal e a maturidade intelectual, mostra que a “errância dos erros” se sustenta na “errância do movimento”.

Por fim, sua errância culmina na formulação do conceito de “inédito viável”, na crença de que a história não está acabada; não há determinismos, há sempre um porvir em aberto, a ser construído, tornando a prática educativa condenada a errar, condenada à esperança, ao agir esperançado.

Já no último princípio, a infância, Kohan (2019) nos remete às lembranças de Paulo Freire, em seus escritos, de sua meninice em Pernambuco e como foi descobrindo o mundo e, posteriormente, sua codificação em palavras. Formula um conceito de infância como algo que educa em sua sensibilidade, inquietude e curiosidade. Não é um educar a infância, mas um resguardar da leveza e da inocência do ser infantil para sempre estar aberto ao mundo.

Paulo Freire se baseia em conjunções, que agregam, e conexões, que enlaçam. Por conseguinte, não se fala em infância como fase cronológica, mas

[...] a infância como uma dimensão a cuidar na figura da ou do educador; a infância dentro de si e do mundo. Por fim, uma educação infantil, não por ser uma educação da infância, mas por devir uma infância da educação, uma educação outra, menina, nascida da dúvida, da curiosidade e ausência infantil de certezas. (KOHAN, 2019, p. 215).

Ao final da trajetória¹, Kohan (2019) dedica-se a desmontar críticas acadêmicas a Paulo Freire, algumas bem elaboradas, mas ainda assim limitadas a aspectos menores de suas obras. Sobretudo, dedica-se a desnudar os ataques covardes do “Programa Escola sem Partido” que, advogando uma neutralidade da educação e do educador, acusam Paulo Freire de “doutrinador do marxismo cultural”. Defendendo uma escola elitista, conservadora e patriarcal, o “Escola sem Partido” busca anular a liberdade de expressão dos professores, judicializar a educação criminalizando a docência e perseguir professores por mecanismos de vigilância dos próprios alunos. Sob a pretensão de combater o “comunismo”, dirigiram seus ataques a Paulo Freire como principal divulgador de “ideias esquerdistas” na educação através do esvaziamento da autoridade do professor e de um espontaneísmo pedagógico sem direção. Para Kohan (2019, p. 204): “[...] é preciso ler Paulo Freire com muita cegueira, pré-conceito ou má-fé para ver nele um defensor da doutrinação.”

Concluimos que, conforme assevera Kohan (2019), “mais do que nunca” é um agora, o tempo da educação! Neste tempo do agora, de obscurantismo, de ataques à educação, ao conhecimento científico e às artes, o contato com as ideias de Paulo Freire mostra-se imprescindível. Neste agora, qualquer via possível de construção de uma educação plural, viva, emancipadora, não pode contornar Paulo Freire. Neste tempo, é mais do que nunca, imprescindível e incontornável.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, C. R. **Paulo Freire, educar para transformar: fotobiografia**. São Paulo: Mercado Cultural, 2005.

BRASIL. **Lei n.º 12.612**, de 13 de abril de 2012. Declara o educador Paulo Freire Patrono da Educação Brasileira. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2012/Lei/L12612.htm. Acesso em: 9 set. 2019.

FREIRE, A. M. A. **Paulo Freire: uma história de vida**. São Paulo: Villa das Letras, 2005.

GADOTTI, M. (org.). **Paulo Freire: uma biobibliografia**. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 1996.

KOHAN W. **Paulo Freire, mais do que nunca: uma biografia filosófica**. Belo Horizonte: Vestígio, 2019.

VALE, M. J. **Paulo Freire, educar para transformar: almanaque histórico**. São Paulo: Mercado Cultural, 2005.

WILSON, T.; PARK, P.; CÓLON-MUÑIZ, A. (ed.). **Memories of Paulo**. Rotterdam: Sense Publishers, 2010.

AUTORIA:

* Doutorado em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professor da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Contato: hamilcarjr@hotmail.com

COMO CITAR ABNT:

DANTAS JUNIOR, H. S. Paulo Freire, mais do que nunca, incontornável e imprescindível.

Revista HISTEDBR On-line, Campinas, SP, v. 21, p. 1-6, abr. 2021. DOI:

10.20396/rho.v21i00.8656976. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8656976>. Acesso em: 3 maio 2021.

Notas

¹ Além dessa abordagem da trajetória de Paulo Freire pelos princípios enunciados, a obra de Kohan (2019) também inclui: um caderno iconográfico de imagens de Paulo Freire e suas obras; uma entrevista com seu filho caçula, Lutgardes Costa Freire; uma entrevista com Esther Pillar Grossi; um ensaio que aproxima as reflexões de Paulo Freire do programa de Filosofia para Crianças, idealizado por Matthew Lipman em fins da década de 1960.